

METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS SOCIALES

Eder Aparecido de Carvalho¹

RESUMO: A partir de uma leitura da literatura, que envolve as principais correntes teórico-metodológicas das Ciências Sociais abordaremos, não de maneira definitiva, mas introdutória, a relação teoria-método-técnicas. Atentaremos principalmente para os cuidados a serem observados, na prática da pesquisa, a fim de se evitar as armadilhas existentes na pesquisa de campo. Saliente expor que o eixo do debate está relacionado ao ter controle dos elementos para não interferir no resultado da pesquisa - legitimidade da cientificidade.

Palavras-Chave: Ciências Sociais; Pesquisa de Campo e Cientificidade.

RESUMEN: De la lectura de la literatura, la participación de los principales teóricos y metodológicos de las Ciencias Sociales discutir, no de forma permanente, pero la introducción al método teórico-técnicas. Prestamos una atención principalmente a las precauciones que deben observarse en la práctica de la investigación, con el fin de evitar las trampas en el campo de la investigación. Señalar a exponer el eje del debate está relacionado con tener el control de los elementos para no interferir con los resultados de la investigación - la legitimidad científica.

Palabras Clave: Ciencias Sociales, Investigación de Campo y la Legitimidad Científica.

INTRODUÇÃO

O texto em questão ilustra como deve ocorrer a postura do cientista social. Diante da pesquisa há exigência de conhecimento, ética e valores. Em outras palavras enfatiza os cuidados a serem

¹ Assistente Social do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) - *Campus* Votuporanga. Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (2005); Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de EAD pela Universidade Federal Fluminense (2013); Especialização em Gestão do Sistema Prisional e Gerenciamento de Crises pela Faculdade de Selvíria-MS (2010) e Licenciatura em Sociologia pelo Instituto Dottori (cursando). Também é docente em IES. E-mail: carvalhoeder@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9443185069485662>.

observados, na prática da pesquisa, a fim de se evitar as ciladas existentes nas pesquisa de campo. Deixa claro que a habilidade do pesquisador se configura ao escrever fácil. Este seria o verdadeiro artesão – cientista social. O texto por meio de diversas tendências como sociologia reflexiva (Bourdieu), sociologia crítica (Mills) e interacionismo (Becker) enfatiza a exigência da vigilância epistemológica a fim de evitar contaminação das noções pelas pré-noções. Isso garantiria a legitimidade da pesquisa. Nota-se que o texto destaca necessário distanciamento do pesquisador, enfatizando que a questão da objetividade esta relacionada com a neutralidade axiológica. Isto seria dizer que a objetividade total não existe, mas deve ser buscada através das técnicas e métodos. Inclusive, o texto endossa que ter bagagem teórica não significa ir a campo com o objeto pré-construído. O objeto seria um processo em construção existindo um ir e vir entre teoria e empirismo.

É posto também a importância das mistura de técnicas. Quanto mais técnicas existir melhor para conhecimento da realidade. O questionário e entrevista, por exemplo, se complementam ao buscar o sucesso da pesquisa. O texto também foca a necessidade de um preparo para entrar no campo. O campo é prescindido de momentos muito tensos uma vez que se trata de um universo desconhecido. Inclusive é necessário esforços para reduzir ao máximo a violência simbólica exercida através da pesquisa – relação pesquisador e “pesquisado”.

PESQUISA DE CAMPO: UMA INTRODUÇÃO

Bourdieu (1989) trabalha a concepção de ofício, idéia que remete ao artesão e não produção em massa (industrial). O que o artesão produz tem a sua “cara”, a sua marca (isso tem que acontecer com o cientista social). Esse tem que se postar como o artesão: dentre outros aspectos deter conhecimento, ética e valores. Para Mills (1975) não é escrever complicado que evidencia algo, mas o escrever fácil que mostrará as habilidades do artesão intelectual. Mills (1975) enfatiza que quanto mais simples escrever mais se terá o domínio. É crítico da escola americana

– do funcionalismo parsiiano. Quando fala do artesão intelectual esta fazendo crítica direta a Parsons.²

Saliente expor que o artesão intelectual não pode esquecer que a vigilância epistemológica detém “as armas indispensáveis para evitar a contaminação das noções pelas pré-noções (BORDIEU, 1999, p. 32). A vigilância citada visa garantir a legitimidade da cientificidade. Está relacionado ao ter controle dos elementos para não interferir no resultado da pesquisa, isto é, em que medida está vigiando a cientificidade e em que medida não está deixando influenciar o senso comum³? O controle epistemológico é estar atento para garantir a cientificidade. A vigilância epistemológica esta relacionada a como o cientista vai dar conta do seu objeto. O juízo de valores não pode interferir na objetividade – necessário distanciamento para mantê-la, entretanto, por mais que tenha procurado reunir dados verdadeiros e objetivos, a minha subjetividade não vai estar presente em toda a pesquisa? A questão da objetividade esta relacionada com a neutralidade axiológica. Weber apud Lima (2004), chama para a questão: no momento que se escolhe o objeto, valores estão inseridos, assim, se levarmos juízo de valores para o procedimento não vai ser objetivo, isto é, não pode deixar que esses valores interfiram. É o que Bourdieu (1999) chama de vigilância epistemológica. Para Weber apud Haguette (2000) a objetividade total não existe mas deve ser buscada através das técnicas e métodos.

Tanto o problema quanto o objeto tem sua gênese na sociedade. Apesar de serem coisas diferentes⁴ não quer dizer que tem uma separação, pois temos que levar em conta o problema (ex: violência) e os estudos científicos (seguindo o exemplo: sobre violência) para chegar ao objeto. O nosso objeto vai sendo construído paulatinamente uma vez que não se constrói o objeto de uma hora para outra. Norbert Elias deixou claro que durante o desenvolvimento da

² Para Mills, Parsons é muito complexo e no fim não diz muita coisa. A teoria do sistema de Parsons é tão complexa que acaba por ser incompreensível, desta maneira, a sociologia para Mills é justamente o contrário do que prega os escritos de Parsons.

³ Atentamos que isto não tem nada a ver com a neutralidade, aliás, a “neutralidade” impõe por muitas das vezes um reverso, uma vez que a preocupação com a mesma, dificulta um envolvimento pessoal do interlocutor. Bourdieu (1997,p.706) apesar de clamar pela vigilância epistemológica ressalta uma participação do pesquisador na entrevista com o entrevistado. Veja, através de uma entrevista que realizara-se num metro, entre duas mulheres, Bourdieu (1997, p.706) coloca um exemplo da citada participação.

⁴ O problema é muito maior que o nosso objeto.

sua pesquisa⁵ houve um deslocamento do objeto, ou seja, a delinquência a ser estudada a princípio, foi paulatinamente substituída por outro objeto – diferenças de caráter desses bairros e para as relações entre eles. Peter Einsenberg (1977) também deixa claro que a princípio preocupa-se com a modernização industrial e as transformações no sistema de relações de trabalho, mas com a aceleração do processo de industrialização houve preocupação maior com as técnicas de produção para competir com outros países produtores da Europa e EUA. Paul Willis (1991, p.12) expõe que seu interesse original, no que diz respeito à pesquisa, centrava-se na cultura operária em geral, mas foi “levado a olhar para jovens ressentidos, do sexo masculino, que seguiam o currículo não acadêmico do curso secundário, e sua adaptação ao trabalho, como um momento privilegiado e crucial da regeneração continua das formas culturais operárias em relação à estrutura mais essencial da sociedade – suas relações de trabalho”. A mudança se dá ao tempo que vai se estendendo a investigação enquanto processo, isto é, o objeto é um processo em construção existindo um ir e vir entre teoria e empirismo⁶.

De acordo com Malinowski (1976) é importante ter bagagem teórica o que não quer dizer que tenho que ir a campo com o objeto pré-construído – influenciar a pesquisa só para comprovar o que eu quero. A pesquisa social de uma forma geral vai ser flexível. Não há hipótese totalmente fechada⁷. Quando se tem observação participante será a hipótese e a problematização ainda mais flexível. Aliás, tendo o pesquisador influenciado na pesquisa esta não terá caráter científico, principalmente quando as influências são de má fé. Bourdieu (1997, p.701) descreve a lógica do jogo duplo: “os pesquisados podem também intervir, consciente ou inconscientemente, para tentar impor (...) a imagem que eles têm e querem dar e se dar deles mesmos”. Conseqüentemente num esforço, a fim de tornar visíveis suas opiniões, o pesquisador por sua vez “conduz” o pesquisado contribuindo para com a lógica do jogo duplo – “relação de troca, cada um engana um pouco o outro ao se enganar a si próprio (...) o

⁵ Pesquisa realizada junto aos habitantes do povoado industrial de Winston Parva (nome fictício) que se transformou num laboratório para análise sociológica e que serviu de base ao livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*.

⁶ Temos que saber que teoria e empírico se interpenetram. Luckacs (1970) trabalha esta concepção: teoria não pode funcionar como espécie de dogma (fechado), ou seja, pré-escolhida ou pré-determinada. Teoria tem que estar em constante relação com o objeto (empírico). Embora se seleciona o teórico para o estudo o empírico vai estar sempre orientando.

⁷ A hipótese se tem a partir de um enunciado (teoria). A mesma tem que ser comprovada pela prática (pelo estudo empírico).

pesquisado finge ser o personagem que é esperado nesse encontro” (BOURDIEU, 1997, p.703). Becker (1994), por sua vez, escreve que quanto mais o observado achar o pesquisador uma figura pouco importante (desconhecida) mais os observados vão comportar dentro do seu cotidiano dando mais valor a pesquisa. Comenta ainda que uma pessoa quando esta só com o observador pode fazer comentários que não faria quando está com o observador e grupo de mais pessoas. Porém expõe que de repente o comportamento pode ser o mesmo nas duas ocasiões. O observador terá que ter olhar clínico para o devido julgamento⁸. Aliás, a presença do observador pode refletir nas respostas do pesquisado, por isso, declarações dirigidas (perguntas e respostas) são mais sujeitas à “indução” (“falsidade”) em relação à declaração espontânea – aquela do “tête-à-tête”.

Importante esclarecer que não é inconcludente a mistura de técnicas, muito pelo contrário, quanto mais técnica se utilizar mais se poderá lograr um efeito benéfico. Quanto mais técnica existir melhor para conhecimento da realidade. O questionário e entrevista, por exemplo, um complementa o outro para melhor se fazer uma análise. O questionário mesmo que seja de perguntas e respostas fechadas dá elementos para melhor direcionar a entrevista. Aliás, o quanti e o quali não são excludentes, isto é, há momentos que eles se complementam. Temos que ter métodos e técnicas delineadas para o sucesso da pesquisa⁹. Há a necessidade de termos uma precisão metodológica muito clara. O pré-teste seguindo Granovetter (1995) também dentro do campo da pesquisa aponta como um procedimento de suma relevância uma vez que evita a perda de informações e tempo. Inclui aqui obedecer (respeitar) às exigências metodológicas da investigação, isto é, não dá, por exemplo, para entrevistar o operário na frente do patrão.

Um objeto para ser formulado (construído) terá que se embasar dentro de uma técnica de pesquisa e ter uma metodologia. Essa está implícita na hora que se escolhe o objeto, ou seja, no momento que se tem o objeto, a metodologia já esta subentendida (está na mente), isto é, já se pressupõe a utilização de determinados autores que estão filiados a determinadas correntes. O objeto já é algo recortado então já se tem algo que vem por traz, isto é, abordagem teórica

⁸ Willis (1991), compreendendo que a fala individual pode diferir da fala de grupo, trabalhou, a fim de se ter mais fundamentação, com entrevistas grupais e individuais.

⁹ Saliente expor que técnica e métodos são coisas distintas. A técnica não possui empiria e nem teoria. É legitimada por um processo metodológico tendo que estar vinculada ao método. Possui ampla variedade de aplicações - entrevista, etnografia, survey, etc (BERICAT 1998).

metodológica. Para Bericat (1998) não é o objeto em si que determina o método uma vez que quando tenho objeto já tenho a teoria que vou trabalhar. Para Bericat (1998) o objeto vai determinar a adequação dos métodos e a partir daí a adequação das técnicas.

Bourdieu (1997) chama a atenção para o mínimo de conhecimento da realidade (do objeto) que tem que existir, é de suma importância começar a pesquisa tendo-se um conhecimento prévio do objeto. A pesquisa não começa pelo empírico, mas sim pelo teórico trabalhando com leituras que se ocupam com o nosso objeto¹⁰ (embora não devemos esquecer que o teórico não separa do empírico). Bourdieu (1989, 1997, 1999) dá ênfase a construção do objeto, sobretudo que a construção do mesmo se dá num processo. Condena a idéia do objeto pré-construído. Na verdade esse estará totalmente construído apenas ao final da pesquisa, ou seja, o objeto tem sua construção quando termina a investigação¹¹.

Há necessidade de um preparo para entrar no campo¹² - não é sair correndo e pronto. Precisa-se de atenção já que o pesquisador não tem domínio do campo (conhece apenas algumas coisas não tendo o domínio total). O ambiente social (que pesquisamos) é diferente do nosso. O campo é prescindido de momentos muito tensos uma vez que se trata de um universo desconhecido – outro universo social e cultural. Aqui é um momento que envolve muita atenção. O campo é um mundo a ser garimpado (MILLS apud SILVA 2004). Às vezes não se encontra nada num determinado lugar, mas talvez a descoberta vai estar ali do lado. Outro aspecto é não achar que no lugar X ou Y eu vou encontrar tudo, como no garimpo, encontrar-se-á, um pouco de coisa em cada lugar.

Segundo Bourdieu (1997) a pesquisa é uma relação de trocas desiguais uma vez que é o pesquisador que, sem negociação prévia, determina as regras do jogo¹³ – objetivos e hábitos da entrevista. Somando-se as diferenças sociais entre o pesquisador e o pesquisado¹⁴ Bourdieu (1997) clama pela necessidade de ater-se a esforços para reduzir ao máximo a violência

¹⁰ Quando tenho um objeto já existe por traz um referencial teórico. Este aparece na construção do objeto, aliás, será a justificativa do objeto.

¹¹ Todo o objeto, por mais simples que ele pareça, é dotado de uma complexidade muito grande.

¹² Mesmo trabalhando documentalente precisa-se estabelecer uma temporalidade, aliás, para uma melhor pesquisa documental tem-se que juntar o máximo de fontes e utilizar várias técnicas de pesquisa.

¹³ Segundo Silva (2004) a pesquisa de história de vida é bem aberta. Pesquisador não pode interferir. É o pesquisado que tem o comando. Diferente da entrevista que é o pesquisador que tem o comando.

¹⁴ Refere-se às vezes que o sujeito ocupa uma posição superior ao objeto no que diz respeito às espécies de capital – financeiro, cultural, (...).

simbólica exercida através da pesquisa. O sucesso da colaboração do objeto submetido a uma entrevista poderá, por exemplo, estar associado ao nível da linguagem, verbal ou não verbal, emitida pelo pesquisador – comunicação não violenta¹⁵

O que temos que pensar no momento da entrevista? Temos que procurar estabelecer um ato interativo – tem que existir interação entre pesquisador e “pesquisado”. Essa interação começa pela indumentária – não vou vestir um traje partidário e também não preciso ir como um “boia fria”. Temos que trabalhar para conquistar a confiança do entrevistado, por isso, não podemos ser apressados.¹⁶ Se não ganharmos a confiança dos mesmos a pesquisa será prejudicada correndo o risco de não sair.¹⁷

Queremos frisar que a nossa linguagem não é a dos “pesquisados”. Assim, qualquer termo diferente que eles usarem devemos perguntar para que possamos descobrir o significado das palavras. Bourdieu (1989 & 1997) menciona a hermenêutica – descobrindo os significados das palavras.

Bourdieu (1997) retrata a objetivação participante que tem como orientação básica o sujeito (pesquisador) participar do objeto a ser estudado, por exemplo, pesquisar teatro e participar. A pesquisa ação será rica em detalhes que não se extrai de entrevista, por exemplo, estudando-se o MST e participando dos encontros, reuniões do movimento e até, se necessário, morar no acampamento, contribuirá à cientificidade da pesquisa. Importante: temos que tomar cuidado uma vez que não podemos fazer apologia do movimento. Temos que buscar interação intelectual e não política – deixar a militância do lado¹⁸. Aliás, a importância de Malinowski (1976), além do que se refere a antropologia, diz respeito a sistematização do estudo etnográfico – observação participante. Este inaugura um método de pesquisa. Está implícito em Malinowski (1976) a relação sujeito objeto. Como diz o ditado: o cientista social tem que entrar na floresta para ver algumas árvores (detalhes) e depois sair para ver toda a floresta. Weber em

¹⁵ É claro que nunca se estará isento da imposição que as perguntas a qualquer momento pode exercer. A pesquisa detém essa arbitrariedade.

¹⁶ Bourdieu (1997) cita que não podemos ter essa pressa porque não será um único depoimento que vai nos proporcionar a realidade – temos sim que ter muitos depoimentos.

¹⁷ Queremos entretanto ressaltar que o momento de parar é quando começa ter as repetições, ou seja, as informações praticamente se esgotam.

¹⁸ É claro que pesquisa tem que ter emoção mas vamos afastar de militância. Bourdieu (1997) fala que também se busca o conhecimento através da emoção e não só através do racional, ou seja, não é só intelecto que pode provocar um ato de conhecimento.

outras palavras diz que se entende a criatura pelo criador por isso chamamos a atenção para o sujeito (pesquisador).

Quando Mills (1975) se reporta a imaginação sociológica se reporta também a imaginação política e antropológica (trabalha o conjunto). Para tal imaginação o pesquisador tem que apresentar alguns elementos como a criatividade, sensibilidade, olhar, clareza e “vocação”, ou seja, a imaginação sociológica   fundamental para a Ciências Sociais. Para Mills (1975) o pós moderno esquece a estrutura e s  pensa no sujeito. Isso se torna um erro uma vez que   fundamental importância conhecer as estruturas (seria os sistemas/ordens impostas). Em termos da imagina o sociológica temos que pensar essa rela o estrutura e sujeito, ou seja, esse não pode tudo.

Saliente expor que aquilo que nossos depoimentos dizem não pode ser visto como verdade ou mentira. Assim, cabe a nós uma metodologia para fazermos a nossa interpreta o. Não se pode fazer uma análise militante. O interessante   trabalhar com documentos históricos para fazer o “diálogo” com as histórias de vida e testemunhos orais. Aliás, tem que se adequar os instrumentos (entrevista, depoimento oral, relato oral) levando-se em conta o tipo de investiga o que fará. Quando se vai para pesquisa de campo está construindo dados, por isso, a importância do instrumento de pesquisa. Bourdieu (1997, 1999), Mills (1975) e Becker (1994) pregam que todo cientista social tem que ser o seu próprio metodologista.¹⁹ Eles estão fazendo uma crítica aos metodólogos: da desvincula o da metodologia a técnicas específicas. Para os três as receitas prontas dos metodólogos fazem perder a rela o concreta com o objeto. Para Mills (1975) os manuais sempre privilegiam um mesmo modelo – faz crítica a desvincula o da emp ria. Segundo Becker (1994, p.23) a “cartilha” dos metodólogos “ignoram problemas metodológicos extremamente importantes, que afetam até mesmo os métodos que eles recomendam”. Segundo Bourdieu (1997) durante o processo de pesquisa tem que se ater aos mínimos detalhes na intera o entre sujeito e objeto. Por mais úteis que possam parecer os escritos ditos metodológicos, ao que diz respeito às técnicas de pesquisa, os mesmos sempre por um motivo ou por outro estarão presos a velhos princípios metodológicos ocultando por assim dizer as sutilezas da intera o pesquisador e pesquisado. Para Bourdieu (1997, p. 694)

¹⁹ “(...) na prática todo cientista social deve ser seu próprio metodologista e seu próprio teórico, o que significa apenas que deve ser um artesão intelectual” (MILLS, 1975, p.134).

“todo tipo de distorção estão inscritos na própria estrutura da relação de pesquisa” e somente através do “olho” sociológico (reflexividade) perceber-se-á e controlar-se-á tais distorções.²⁰

Dominar o método e a teoria é tornar-se um pensador consciente de si, um homem que trabalha e tem consciência das suposições e implicações do que pretende fazer. Ser dominado pelo método ou teoria é simplesmente ser impedido de trabalhar, de tentar, ou seja, de descobrir alguma coisa que esteja acontecendo no mundo. Sem a percepção da forma pela qual o ofício é realizado, os resultados do estudo são inseguros; sem uma determinação de que o estudo tenha resultados significativos, todo método é uma farsa sem sentido (MILLS 1975, p. 133).

Apesar das diversas tendências, Bourdieu (sociologia reflexiva), Mills (sociologia crítica) e Becker (interacionismo), nota-se uma relação entre os mesmos no que diz respeito ao método. Aliás, pesquisa de campo “implica, realmente, num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade” (MATTA, 1991, p.153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento do cientista social (artesão intelectual) pode estar comprometido uma vez que a inserção do mesmo no sistema hierárquico da sociedade pode levá-lo a julgamentos apressados – hábitos e estereótipos. A vigilância epistemológica torna-se o viés para impedir a interferência desses valores. Sabendo-se também que os manuais deixam de lado a importância da interação comprometendo a sensibilidade no processo da pesquisa reforça-se mais uma vez que apenas o contato direto do pesquisador preparado teoricamente, o que não implica ir a campo com o objeto pré-construído, para com o objeto de trabalho proporciona a dialética da experiência concreta com as teorias.

Saliente expor, para concluir, que para compreender existe a necessidade da troca entre pesquisador e pesquisado. O pesquisador não pode apenas reproduzir o ponto de vista do

²⁰ Tal método (reflexividade) proporcionará na própria condução da entrevista (no campo) conter os efeitos da estrutura social.. Bourdieu (1997, p.69) traz ainda que “em muitos casos, a escuta, ou a leitura da primeira entrevista suscitaram novas perguntas (...) levando a uma segunda entrevista”.

pesquisado, mas sim deter de um ponto de vista próprio – “um ponto de vista sobre um ponto de vista” (BOURDIEU, p. 713).

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BERICAT, Eduardo. *La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social*. Significado y medida. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

BOURDIEU, Pierre et. al. *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

EISENBERG, Peter, L. *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GRANOVETTER, Mark. *Getting a job. A Study of Contacts and Careers*. 2. Edition. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

LIMA, Jacob Carlos. *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*. Aula proferida na UFSCar, 18 ago. 2004.

LUCKACS Georg. *Introdução a uma estética marxista*. (cap. III). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné e Melanésia. São Paulo: Abril cultural, 1976.

MATTA, Roberto da. *Relativizando*. Uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Minicurso - História Oral: uma visão interdisciplinar*. Aula proferida na UFSCar, 29 set. 2004.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*. Escola, resistência e produção social. Porto alegre: Artes Médicas, 1991.